



UFSC

## Artigos

### A ética e a legislação em torno das *fanfics*

Ética y legislación en torno a la fan fiction

Ethics and legislation surrounding fan fiction

Fernanda Rodrigues de Quadros<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil

## RESUMO

Este artigo analisa a produção de *fanfics* sob as perspectivas legal e ética, explorando dois principais desafios: os direitos autorais sobre as obras que servem de inspiração e os direitos de imagem e integridade de figuras públicas citadas nessas produções. Através da metodologia bibliográfica, a pesquisa teórica consiste em observar, interpretar e analisar criticamente o tema das *fanfics* como uma prática complexa no quesito de legislação, buscando, dessa forma, autores que possam contribuir para a discussão final. Assim, o artigo observa os dois lados éticos e morais dessa temática, salientando a relevância das produções de fãs na sociedade e, na mesma medida, a importância em abordar a propriedade intelectual e os direitos legais da Constituição brasileira nesse viés. Desse modo, o trabalho pensa em prol de uma produção amadora já muito engajada nessas questões e que possui o discernimento devido.

**Palavras-chave:** Ética; *Fanfic*; Legislações; Produções de fã

## RESUMEN

Este artículo analiza la producción de fan fiction desde una perspectiva legal y ética, explorando dos desafíos principales: los derechos de autor sobre las obras que sirven de inspiración y los derechos de imagen e integridad de los personajes públicos mencionados en estas producciones. A través de la metodología bibliográfica, la investigación teórica consiste en observar, interpretar y analizar críticamente la temática de los fanfics como una práctica compleja en términos de legislación, buscando así autores que puedan contribuir a la discusión final. De esta forma, el artículo observa tanto los aspectos éticos como morales de esta temática, destacando la relevancia de las producciones de fans en la sociedad y, en la misma medida, la importancia de abordar la propiedad intelectual y los derechos legales de la



Constitución brasileña a este respecto. De esta manera, la obra está pensada para apoyar la producción amateur que ya está muy comprometida con estos temas y tiene el discernimiento necesario.

**Palabras clave:** Ética; Fanfic; Legislaciones; Producciones de fans

## ABSTRACT

This article analyzes the production of fan fiction from a legal and ethical perspective, exploring two main challenges: copyright on the works that serve as inspiration and the image and integrity rights of public figures mentioned in these productions. Using a bibliographic methodology, the theoretical research consists of observing, interpreting and critically analyzing the theme of fan fiction as a complex practice in terms of legislation, thus seeking authors who can contribute to the final discussion. Thus, the article observes both ethical and moral sides of this theme, highlighting the relevance of fan fiction in society and, to the same extent, the importance of addressing intellectual property and the legal rights of the Brazilian Constitution in this regard. In this way, the work thinks in favor of an amateur production that is already very engaged in these issues and that has the necessary discernment.

**Keywords:** Ethics; Fanfiction; Legislations; Fan productions

## 1 INTRODUÇÃO

O tema do artigo que se volta para as produções de fãs pretende complementar o Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado na Universidade Federal de Santa Maria, no final de 2024, com enfoque em universos alternativos no X<sup>1</sup>. É importante destacar, portanto, que o presente artigo converge com a monografia que foi desenvolvida, assim como também serve de complemento para tal.

Assim, tal trabalho tem por objetivo compreender e analisar criticamente a prática de produções de fãs, em especial as *fanfics*, no âmbito legal e ético. Entende-se que se busca, especificamente, entender como a produção de texto amadora feita e promovida por fãs têm impacto nos produtos originais aos quais se inspiram e nos seus respectivos autores. Também se pretende observar esses efeitos de circulação sobre a imagem de pessoas públicas envolvidas. Dessa forma, o debate circula no âmbito da legalidade e dos termos éticos para compreender, através de pontos de vista distintos, a atuação da criação de fãs na sociedade, considerando impactos negativos e positivos. Assim, o trabalho traz, em primeira instância, uma discussão

<sup>1</sup> A monografia intitula-se “O COSMOS DO UNIVERSO ALTERNATIVO: A PRODUÇÃO DE FÃ NO X EM PROCESSO DE LEITURA E SIGNIFICÂNCIA”.

teórica que investiga a legislação, com destaque para a brasileira, em relação à prática de *fanfics* e esclarece pontos fundamentais de regulamentação.

Em outro momento, produziu-se uma análise crítica da autora sobre todo o material incorporado à pesquisa, salientando a repercussão dessas produções e observando como, embora cercada de preconceitos sociais e impasses éticos e complexos, elas ainda conseguem engrandecer grupos e fortalecer pedagogicamente uma parcela da população. Os resultados da pesquisa envolvem as conclusões que o estudo levanta, incluindo a ênfase da necessidade crescente de abordagem do tema, para que a negligência que tange a prática da produção de fãs em detrimento aos direitos e às leis seja cada vez menor. A autora também reitera, ao final, o quanto essas produções devem ser incentivadas, já que atuam como importantes agentes sociais.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa sobre a ética e a legislação em torno das produções de fãs exige uma abordagem multidisciplinar, que visa explorar as interações complexas entre cultura popular, direitos autorais e de imagem e as transformações sociais mediadas pelas tecnologias digitais através da produção amadora. Para tanto, a metodologia adotada neste estudo foi a revisão e análise de literatura especializada, produzida a partir de conceitos-chave em diversas áreas, como estudos culturais, direito autoral e pedagogia digital. Justifica-se a escolha considerando o objetivo de mapear e discutir as questões éticas, legais e culturais envolvendo as *fanfics*, a partir das contribuições de autores que, profundamente, exploram o tema.

Bakhtin (2011) foi uma base importante para a análise das produções de fãs em termos de gênero e intertextualidade. O conceito de dialogismo do autor se revelou fundamental para entender como as *fanfics* e outras criações de fãs não são apenas derivadas ou imitações de textos originais, mas sim práticas de reinterpretação que entram em diálogo com os textos canônicos. A análise das questões legais envolvendo as produções de fãs se baseou, em grande parte, nas reflexões de Ribeiro (2019),

que discute as implicações do direito autoral na era digital. A autora analisa a tensão entre o direito do autor e as práticas de remix e adaptação dos fãs, destacando as ambiguidades e os desafios legais enfrentados por aqueles que produzem conteúdos como as *fanfics*.

Já Henry Jenkins (2009) oferece uma perspectiva rica sobre a cultura de fãs e as comunidades que se formam ao redor de produções culturais, adicionando teoria articulada à pesquisa. A utilização do autor foi importante para compreender as produções de fãs como um fenômeno de colaboração e criação em rede, onde as identidades digitais e culturais se entrelaçam, criando novas formas de pertencimento e de interação social. Já a prática em si foi analisada por meio de diversos outros autores, como Vargas (2005), que oferece uma visão sobre como as produções de fãs surgem e se desenvolvem no contexto da literatura e da mídia. A autora destaca as motivações dos fãs, que criam suas próprias histórias como uma forma de expandir e aprofundar os universos fictícios que os fascinam, muitas vezes abordando temas ou personagens de maneira que a obra original não permite. Outros autores também foram fundamentais para uma compreensão mais ampla de como pode ser observado esse fenômeno das produções e seus impactos sociais.

No campo da educação e da pedagogia digital, justificativa que fortalece a questão das *fanfics* como obras legítimas, mesmo cercadas por questões legais complexas, a obra de Xavier (2002) foi fundamental para entender como o letramento tem se transformado nas últimas décadas, impulsionado pelas novas tecnologias e que inclui as *fanfics* como intrínsecas nessa nova forma de educar. Assim, comprehende-se que a metodologia bibliográfica adotada neste estudo permitiu uma análise profunda das questões éticas, legais e culturais envolvendo as produções de fãs. Ao articular as contribuições desses autores, foi possível compreender as práticas de fãs não apenas como uma forma de entretenimento, mas como um fenômeno cultural complexo, com implicações significativas tanto no campo da literatura e da mídia quanto nas questões legais e de direitos autorais e de imagem.

### 3 DISCUSSÃO TEÓRICA

A escrita de *fanfics* é um fenômeno cultural que permite aos fãs expandirem e reinterpretarem universos de suas obras e artistas favoritos. A produção da *fanfiction* começou com a iniciativa de fãs eufóricos que desejavam ampliar o seu contato com o universo apreciado (Vargas, 2005). Ler o livro, assistir ao filme, apreciar a performance, ouvir a música, isso já não basta. Essas pessoas gostam de se aprofundar ainda mais na sua admiração, então encontram maneiras de reinventá-la, de manuseá-la e de se aproximar dela (Quadros, 2024). Os fãs usam da premissa “o que poderia ter acontecido se...” referente ao material original e deixam a imaginação fluir a partir disso, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucros envolvidos (Santos, 2015). Muitas obras são apontadas como pioneiras do universo das *fanfics*, mas podemos pensar em um surgimento por volta de 1930, sem um consenso definitivo (Dornelles, 2023).

Sua popularização ocorreu com o advento da internet, lugar digital onde os *fandoms* passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas. A produção de *fanfics* cresceu particularmente na década de 1990, quando a internet começou a ser usada como um instrumento de organização dos grupos de fãs e, dessa forma, passou a desempenhar o papel de instrumento de socialização e divulgação da prática da escrita (Vargas, 2005). Assim, compreendemos melhor como os *fandoms*, junto às *fanfictions*, “garantiram seu lugar no ciberespaço e acumularam popularidade entre os jovens da geração transmídia, os novos leitores-autores-consumidores dessa ‘cultura da convergência’” (Santos, 2015, p. 5 apud Jenkins, 2009). Acerca disso, Miranda (2009, p. 1) salienta “talvez a principal novidade do sistema *fandom* resida na sua contribuição efetiva para a formação de um novo leitor”.

Toda essa expansão, no entanto, faz com que dúvidas a respeito da prática de escrita de fãs apareçam: a primeira envolve a questão sobre como essas produções podem existir e crescer quando estão se utilizando de elementos da criação de outra

pessoa. Quanto a isso, precisamos nos aprofundar um pouco mais na temática das leis para entender. A lei “Fair Use”, dos Estados Unidos, país que hospeda a maioria dos sites de *fanfics* (como o Wattpad, o Spirit e o AO3) garante que enredos e personagens existentes podem ser usados em outras produções, desde que não sejam utilizados para uso comercial (Eleodoro, 2021).

A lei de direitos autorais brasileira, embora abra margem para essa produção de maneira semelhante à estadunidense, comprehende a *fanfic* como uma criação e uma propriedade intelectual, que pode ser classificada como obra derivada e, por lei, “criação intelectual nova, que resulta da transformação de obra originária” (artigo 5º, VIII, g). Assim, é autorizado o uso de produtos artísticos como “paródias” que não impliquem descrédito, também produções sem finalidade comercial e que não vão prejudicar de nenhuma forma a obra original (Mosca, 2021). Entendemos, logo, que a produção de *fanfics* não é ilegal e, muito pelo contrário, é reconhecida socialmente e legalmente. Todas essas leis em torno da prática, contudo, servem para garantirem os direitos dos autores originais, dando a eles a certeza de máximo lucro e reconhecimento sob suas próprias criações — e para certificarem que os direitos de expressão dos produtores amadores sejam respeitados da mesma maneira.

A criação de *fanfics* envolve o respeito pelo trabalho original e seu criador. Os fãs muitas vezes são motivados pelo amor e pela admiração genuína a uma obra. Essas produções são majoritariamente feitas de forma voluntária, sem intenção de lucro e com identificações que deixam claro que todo o conteúdo é fictício e não tem relação com a obra original, embora se inspire — o próprio termo “*fanfic*” remete à “ficção de fã”. É fato que esse grupo de produtores e fãs servem até como divulgadores de tal obra, uma vez que o material que a cita pode circular por muitos âmbitos (das redes sociais até as mais distintas situações reais). Um exemplo é o nicho de produções de fãs do universo de Harry Potter, que virou uma grande referência de obra a qual alcançou tantos fãs a ponto de abranger uma esfera própria de *fanfics* e outros tipos de produções amadoras. A grandeza desse grupo de produtores e consumidores fica

clara quando compreendemos que foram criados subgêneros de *fanfics* baseados em Harry Potter, usados até hoje em todos os sites de leituras pelos mais diversos *fandoms* (Vargas, 2011).

A maior parte desse conteúdo foi apropriado por grupos vulneráveis socialmente, como a comunidade LGBTQIAPN+, que viu na produção de J.K Rowling um refúgio dos preconceitos reais. Percebe-se esse movimento tão grande acabando por influenciar significativamente a produção de *fanfics*, assim como a própria comunidade de fãs desses livros no geral — a questão sempre foi adorada por alguns, enquanto abominada por outros (inclusive pela própria autora, que anos depois demonstrou ser contra uma parcela da comunidade *queer* e, consequentemente, dessas produções<sup>2</sup>).

Muitos autores, entretanto, já deixaram claro sua gratidão pelos fãs criadores, que reinventam as histórias e tornam todo o mundo criado ainda mais real. Enéias Tavares, por exemplo, autor publicado pela DarkSide, já explicitou sua admiração por tais criações, reconhecendo-as como uma forma de expressão e um tributo à obra original<sup>3</sup>. Jane Austen é outra autora que, admitindo ela mesma ter baseado seus personagens no folclore, nunca importou-se com as criações de fãs baseadas em Orgulho e Preconceito (Joucovski, 2024).

Isso, contudo, não elimina a responsabilidade de reconhecer a autoria e a propriedade intelectual dos criadores originais. A publicação de uma *fanfic* sem a autorização do detentor dos direitos autorais (embora a maioria dos autores não se importe) pode infringir leis de propriedade moral. Isso diz respeito à parte de conexão pessoal e a integridade do autor com sua criação, ao seu direito autoral como um todo. Assim, existem casos em que ações legais foram tomadas contra autores de *fanfics*, destacando a necessidade de um entendimento claro dos limites legais. Anne Rice, por exemplo, autora de “*Interview With the Vampire*”, deixava claro

---

<sup>2</sup> TEIZEN, B. J.K. Rowling, autora de “Harry Potter”, volta a propagar transfobia nas redes. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/j-k-rowling-autora-de-harry-potter-volta-a-propagar-transfobia-nas-redes/>>. Acesso em: 21 jan. 2025.

<sup>3</sup> Fala do autor no evento “Narrativas Transmídia e a Produção do Livro Hoje: O Caso da Série Brasiliana Steampunk”, na UFSM, dia 22 de agosto de 2023.

seu descontentamento com obras amadoras baseadas nas suas e tomava medidas legais para que elas não existissem, afirmado seu “ciúme” dos personagens, sem que isso tivesse relação com a apropriação das histórias por grupos específicos (Jackson, 2021).

Outros autores já se mostraram totalmente contra a prática das *fanfics*, afirmando que é uma perda dos próprios direitos autorais. Nesse sentido, a discussão cai em um espaço com viés mais moral, já que o risco de uma produção de fãs ir à justiça não é muito grande, considerando seus conformes às leis, e acaba por depender mais dos autores que se incomodam pessoal e subjetivamente. George Martin, escritor, já ditou que acredita que todo autor precisa aprender a criar suas próprias histórias, já que utilizar as ideias de outra pessoa é um caminho preguiçoso (Joucovski, 2024). O que se comprehende, por fim, é que é necessária a autorização do criador para que o autor da *fanfic* esteja em total concordância com a lei. Isso, no entanto, não costuma acontecer, porque, na maior parte dos casos, os escritores não se importam, até gostam, como já foi relatado, ou simplesmente não podem se dar ao trabalho de passar a vida profissional em função disso.

No entanto, também é importante considerar o impacto que as *fanfics* e outros tipos de produções podem ter sobre a comunidade de fãs em si, alterando a forma com que os personagens e os temas abordados são vistos depois que essas produções alcançam um público muito grande que se apropria de muitos dos significados originais. Isso nos leva a outra questão levantada socialmente a respeito das produções de fãs, que pensa sobre a integridade de figuras públicas e reais que servem de inspiração para tais. Representações problemáticas ou estereotipadas podem perpetuar ideias negativas para as pessoas citadas nessas obras de fãs, enquanto uma abordagem cuidadosa pode oferecer novas perspectivas e inclusões. Nesse âmbito, o que está em jogo não são os direitos autorais, como no caso anterior, mas os direitos de personalidade, protegidos pela Constituição Federal e pelo Código Civil. Essa questão envolve o nome, a imagem e a honra da pessoa citada.

Os casos mais comuns em que isso ocorre incluem as *fanfics* RPF (Real Person Fics), ou seja, que usam pessoas reais para montar sua narrativa, como cantores, atores e/ou outros (Eleodoro, 2021). Essas produções tendem a serem mais criticadas por esse motivo, já que dão ao público margem para acreditar que pessoas vinculadas à determinada história de fã são como foram descritas ali (e se associam à temática), enquanto produções de fãs baseadas em personagens fictícios não possuem esse impasse. Segundo Sousa (2022, p. 22), “apesar das *fanfics* RPF movimentarem bastante os fandoms, existem várias controvérsias acerca das histórias de pessoas reais. Muitos fãs são contra, enquanto outros não veem problema.” As figuras que se apresentam nas produções basicamente “emprestam” sem consentimento sua aparência ou fatos isolados da carreira e/ou da vida para a inspiração dos fãs. É necessário acrescentar, contudo, que, uma vez que se tem acesso apenas à “imagem idealizada do famoso, cautelosamente criada por sua equipe de marketing” (Eleodoro, 2021, p. 52), e não à sua verdadeira pessoa, apenas uma parcela montada da figura pública está sendo usada.

A utilização da imagem física de um indivíduo nessas produções é semelhante a ação de usar a aparência, a representação, de atores de filmes famosos em produções amadoras, como nos universos alternativos no X, partindo do princípio de que muitas vezes o fandom já possui uma ideia pré moldada da imagem do personagem (Quadros, 2024). Um exemplo é usar a imagem de Tom Felton, ator que interpretou Draco Malfoy em Harry Potter, para ilustrar uma história sobre ele — o artista em específico já deixou claro sua satisfação com as produções criativas (Ferreira, 2019). No final, cabe aos leitores discernir o que é real ou não, tendo em vista que a maioria das histórias de fãs tendem a deixar claro o seu teor ficcional. Muitas figuras públicas, nesse contexto, já se declararam contra as *fanfics* compartilhadas de si mesmas. Jensen Ackles, ator de Supernatural, por exemplo, explicitou seu desconforto na utilização da sua imagem para a produção de *fanfics* gays e bissexuais (Guglielmelli, 2019). Assim, entende-se que se uma pessoa famosa retratada em uma *fanfic* se sentir ofendida ou prejudicada de alguma forma, ela pode solicitar que a *fanfic* seja retirada de publicação, alegando

danos morais, à imagem e afins. Isso, entretanto, não nos impede de pensar por que, majoritariamente, histórias de fãs que abordam temas estigmatizados incomodam essas pessoas, enquanto *fanfic* heterossexuais, por exemplo, quase nunca são alvo de críticas.

Um exemplo que coloca em pauta as questões trabalhadas acima foi o que ocorreu na China, em 2020. Autores de obras originais e até o público fã podem acabar se frustrando por conta do uso que uma parcela produtora do fandom faz daquele material, se reapropriando e dando outros significados — estes, ainda muito interrogados nas normas sociais atuais, como temáticas LGBTQIAPN+. O caso emblemático ocorreu quando uma *fanfic* gay inspirada nos atores da série chinesa “The Untamed”, que contracenam de modo implícito como um par romântico no audiovisual, mas explícito na *novel*<sup>4</sup>, tomou grandes proporções no AO3 e ficou conhecida por grande parte do público chines e dos fãs individuais dos atores (Quadros, 2024). A *fanfic*, por carregar uma temática *queer*, foi supostamente denunciada pelos leitores ao governo chinês, que retirou o site inteiro do ar no país.

Quatro anos depois, o site ainda é inacessível em grande parte da China e os atores envolvidos não interagem e evitam trazer de novo a polêmica para suas carreiras (Quadros, 2024). Esse caso atinge principalmente a questão moral, uma vez que divide opiniões mais “pessoais”, que envolvem o argumento de que o país é muito conservador. Fãs da obra “The Untamed”, por exemplo, ainda discutem muito sobre essa situação, alegando a falta de ética e moral de um governo que repreende e censura sem moderação, chegando a colocar os próprios atores em situações desagradáveis. Os fãs mais conservadores, no entanto, ajudaram com que a *fanfic* fosse denunciada, e se agradam com a falta de contato dos atores, alegando que eles devem ser respeitados e não associados à uma comunidade como a LGBTQIAPN+. Essa questão nos faz adentrar mais fundo na temática e nos provoca para tentar entender como os preconceitos enraizados na sociedade afetam diretamente a prática de produção de fãs. Tudo isso, portanto, será discutido de modo crítico a seguir.

<sup>4</sup> Livro geralmente com mais capítulos do que os tradicionais.

## 4 ANÁLISE

A partir da teoria que apresenta diferentes pontos de vista, tanto de produtores e consumidores do gênero *fanfic*, quanto de pessoas que servem de inspiração para tal, pretende-se trazer uma observação mais específica que tem a ver com o impacto dessa produção, para além das suas questões legais — que, como já bem explicado, sempre vão gerar discussões e diferentes opiniões. Muitos estudiosos da área defendem a legitimação de *fanfics* e outras produções, assim como as próprias comunidades criadoras e consumidoras. A lógica que muitos destacam é a de que: “em um país onde 11 milhões de pessoas são analfabetas e o índice de leitura anual é de 4,96 por habitante, desestimular os jovens no exercício da escrita, seja ele como for, é uma ignorância maior do que muitos afirmam conter nas histórias de *fanfiction*.“ (Joucovski, 2021).

Isso quer dizer que embora as produções de fãs possam gerar discussões e problemas no sentido de direitos autorais, sua relevância e seus efeitos são muito maiores do que casos específicos em que autores sentiram-se roubados ou figuras públicas desrespeitadas. Também deve-se lembrar que essa questão legislativa é muito usada para discriminar esse tipo de produção, na intenção de descredibilizar as *fanfics* por motivos mais complexos, como a questão de identidade desses autores/consumidores (majoritariamente mulheres, queers e jovens). Isso se mostra verdadeiro quando percebemos que, geralmente, os casos com problema judicial envolvendo autores e figuras públicas usadas nessas produções são os que abordam questões políticas que as obras originais geralmente negligenciam. Uma *fanfic* de “E o Vento Levou”, por exemplo, recontou a história a partir de uma narradora-protagonista escravizada negra. Os herdeiros de Margaret Mitchell, autora original da obra, alegaram violação de direitos autorais, e a *fanfiction* de Alice Randall só se manteve pública por causa da proteção advinda da Lei “Fair Use” dos Estados Unidos. Assim, questiona-se o verdadeiro incômodo dos detentores dos direitos para com as produções amadoras:

estariam eles descontentes com algo mais profundo do que apenas a utilização de um material como inspiração?

Compreendemos que já existe uma grande visão preconceituosa sobre as produções defãs. Frequentemente, é possível ouvir a opinião de parte da sociedade acerca desses conteúdos, que muitas vezes se resume a: são histórias sem originalidade, que afetam o objeto original utilizado de referência, e pouco profissionais (Quadros, 2024). A visão negativa que as pessoas possuem faz necessário um tipo de pesquisa aprofundada sobre o tema, que coloca em foco e busca entender quem são os indivíduos que produzem. Fato é que a sociedade se utiliza do argumento de que essa produção não é legítima, original e legal para que suas visões estigmatizadas sobre a prática se perpetuem ainda mais.

Por volta dos anos 90, as *fanfictions* eram feitas majoritariamente por mulheres na faixa dos 20 a 30 anos de idade e, na atualidade, por conta da difusão da internet, há uma nova geração de contribuidores nesse nicho, pessoas mais novas e que “decidiram ver o que eram capazes de produzir” (Jenkins, 2009, p. 237 apud Quadros, 2024). Um fato que não se deve ignorar é a predominância de mulheres na produção de *fanfics* e AUs, o que faz com que seja “uma prática com base demográfica principalmente feminina” (Caetano, 2021, p. 15 apud Guerrero-Pico, 2015, p. 731). O fato norteia um problema enraizado nas produções literárias e audiovisuais em um geral, este que é a diferença entre a relevância dada aos papéis masculinos em detrimento aos femininos na mídia.

A hegemonia feminina, nesse contexto, pode ser encarada como uma consequência do quanto mulheres desejam se ver representadas dignamente em histórias, o quanto querem consumir desenvolvimentos femininos que se igualem aos de personagens masculinos — e, para isso, precisam produzir por conta própria (Eleodoro, 2021). Um exemplo que dá força ao argumento é o gênero de histórias que transforma personagens do gênero masculino em versões femininas, sejam cisgêneros ou transgêneros; essa mudança, para além de uma vontade pessoal das

autoras, também pode ser vista como uma necessidade do protagonismo feminino *queer* mais frequente (Quadros, 2024). Pensar no protagonismo de mulheres queer na produção e no consumo de fanfics reforça esse tipo de expressão como uma resistência constante ao padrão heteronormativo e patriarcal da produção cultural. Pensar no protagonismo de mulheres queer na produção e no consumo de fanfics reforça esse tipo de expressão como uma resistência constante ao padrão heteronormativo e patriarcal. Logo, grande parte do desprezo em relação a esse tipo de conteúdo é por conta da apropriação que mulheres e pessoas queer fazem de produtos midiáticos/artísticos (Quadros, 2024).

Sobre as narrativas não serem originais, é muito questionado o porquê de não se construir uma história do começo, sem se utilizar de personagens ou elementos reais/já existentes. Tais críticas, entretanto, recaem majoritariamente sobre as mulheres que buscam se apropriar de retalhos de enredos ou materiais concretos (Eleodoro, 2021). Se não fosse o caso, então

[...] por que o fato de que não só Virgílio, mas diversos outros autores — homens — ao longo da história da literatura também fizeram o mesmo e não é levado em conta na discussão sobre as *fanfics*? Ou por acaso foi Shakespeare que inventou, sozinho, a figura de Júlio César? O romano não haveria existido antes da sua peça homônima? E quanto a Antônio e Cleópatra, ou os Henriques e os Ricardos? Todos eles existiram antes de Shakespeare se apropriar da figura deles, mas ninguém ousaria acusar o Bardo de ser pouco criativo, como muitos fazem com autoras de *fanfiction* pelo exato mesmo motivo. (Eleodoro, 2021, p. 15).

Nesse sentido, podemos pensar que as produções de fãs, como as *fanfics*, se assemelham ao que Bakhtin (2011) estudou como dialogismo e ao que Corrêa (2007) cunhou como “ruínas”. Bakhtin (2011) destaca a importância de se atentar para a diferença entre os dois tipos de gêneros textuais: os primários (simples) e secundários (complexos). Os gêneros primários, como um diálogo do cotidiano, se alteram quando reorganizados e dispostos “nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito)” (Bakhtin, 2011, p. 263). Logo, é possível pensar que as comunicações digitais, como

essas produções, se tornam gêneros que majoritariamente reproduzem enunciados secundários, vestígios de gêneros primários que, juntos, formam novas maneiras de se comunicar (Quadros, 2024).

A partir disso, se percebe, inerente aos gêneros, resquícios de outros, as “ruínas”. Essas ruínas são “fragmentos de outros gêneros que se impõem na materialidade dos textos em forma de respostas genéricas a outros enunciados” (Souza, 2023), provas que deixam claro que nenhum enunciado é construído a partir do nada, sempre inseridos em novos contextos para ganhar novos sentidos. Observa-se, então, que sempre foram usados outros elementos já criados para se produzir algo novo (Quadros, 2024). Bakhtin (1997), embora de maneira mais profunda, trabalhava essa questão ao afirmar que nada surge do nada e todo enunciado é inspirado e construído por outros, tais quais as “ruínas” antes trabalhadas: “As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.” (Bakhtin, 1997, p. 314).

Seu conceito de dialogismo diz que o significado e a compreensão de um enunciado, de uma palavra ou de um texto surgem da interação entre diferentes vozes, pontos de vista e contextos. Em vez de considerar a linguagem como algo estático ou individual, Bakhtin propôs que a linguagem é essencialmente relacional e dialógica. No caso da produção de *fanfic*, essa prática se torna mais consciente e visível, uma vez que o autor tem a intenção de aprofundar, de diversas formas, o universo que admira, podendo se utilizar de palavras, conceitos e significados, mas sem que isso carregue um tom de cópia ou plágio, já que a inspiração é sempre explícita — ela é a base daquela criação, afinal (Quadros, 2024).

É possível que vejamos também termos como “desinteressante” ou “ruim” para designar a produção de fãs. As críticas acontecem naturalmente uma vez que entendemos a quantidade de produções que existem por aí, dado a facilidade em produzir e compartilhar (Quadros, 2024). Essas narrativas gratuitas e acessíveis (em questões de localidade e linguagem) e que atraem um tipo de leitor distinto — muitas

vezes que não é o público foco das grandes produções e que está exausto de ser ignorado, como a própria comunidade *queer* —, amplia por si só essa rede de produção e consumo, “o que explica, em parte, o motivo pelo qual há tantas *fanfics* consideradas boas e tantas consideradas ruins: há apenas *fanfics* demais na internet atualmente para que elas possam ser consideradas uma coisa só [...]” (Eleodoro, 2021, p. 15).

Os estudos de Xavier (2002) acrescentam que a leitura e a escrita dentro do letramento digital é diferenciada das práticas físicas convencionais, ou seja, existem outras maneiras válidas de ler e escrever um texto, uma vez que o suporte para exercer as funções muda. Isso, claro, beneficia o aprendizado de pessoas que se utilizam desse mecanismo pedagógico.

[...] o computador, quando comparado ao livro ou ao caderno, apresenta uma variedade muito maior de tarefas a serem realizadas. Para manusear um livro, o aluno precisa aprender a folheá-lo na ordem correta (da direita para a esquerda), e identificar seus componentes (capa, contracapa, folha de rosto, lombada, sumário, quarta capa), tarefas mais simples, pois o livro é um suporte de textos (sejam eles verbais ou visuais). O computador, por outro lado, é um condensador de diversas ações, relacionadas não só à escrita. Nele se encontram não só as ações de ler e produzir textos (antes separadas entre livros e máquinas de escrever, caneta ou lápis), mas também escutar música, assistir filmes, conversar com amigos, jogar jogos e várias outras ações possíveis. (Teixeira; Gomes, 2019 apud Dias; Novais, 2009, p. 5-6).

Uma vez compreendido que o letramento tradicional junto ao digital instigam a pessoa a manusear textos diversos considerando os contextos e assim a beneficia, Xavier (2002) destaca habilidades que os indivíduos tendem a desenvolver em contato com o ambiente digital associado às práticas de aprendizagem, como: a alta velocidade em captar e partilhar informações; a capacidade de discernir a autenticidade de conteúdos; a maior noção da dimensão verbo-visual-auditiva (incluindo *hiperlinks*); a participação em construções de sentido coletivas; entre outras. Em reforço, Freire (1982) argumenta que hoje em dia é preciso ser letrado digitalmente e, por consequência, ser um cidadão através do digital.

Sendo assim, trabalhar produções amadoras digitais que instiguem os jovens fora e dentro do ambiente educacional pode proporcionar a eles maior autonomia na estruturação dos seus próprios saberes e capacidade de analisar conteúdos com facilidade — além de fazer com que os indivíduos consigam interpretar e interagir socialmente, papel fundamental do letramento. Aguiar (2011, p. 32), nas linhas de estudo de Levy (1999), contempla o autor/leitor de *fanfic* como um jovem “aluno interconectado e que tem por referência principal a convivência virtual, a interação síncrona e assíncrona, o compartilhamento de seus saberes com os demais sujeitos”. Sendo assim, já existe de muitos estudantes uma pré-disposição ao contato com as *fanfics*, primeiro porque essa produção está em um contexto onde pessoas mais novas circulam e comandam e, segundo, porque os jovens já têm mais facilidade de entender e dominar as lógicas de produção e consumo desse material, mesmo que não o conheçam de modo integral (Quadros, 2024).

Essa linha de raciocínio leva-nos ao começo, onde salienta-se a importância das produções de fãs para uma sociedade que precisa de estímulo de leitura e escrita, mas que pouco as valoriza. Nesse sentido, é possível sublinhar a criticidade em relação a isso, destacando a importância de se falar desses impactos quando também vamos de alguma forma “criticar” e “comprometer” o gênero *fanfic*, afinal, a questão é muito mais profunda do que se pensa: envolve quem produz, como produz e por que produz.

## 5 CONCLUSÕES

A pesquisa se limitou a compreender o que é o fenômeno das *fanfics* até seu crescimento expressivo, que trouxe à tona duas questões essenciais de se pensar: como as produções de fãs atuam quanto aos direitos autorais das criações que as inspiraram; e, da mesma forma: como agem a respeito do direito de imagem de figuras públicas que servem de inspiração. Assim, foi desenvolvida uma introdução teórica que estuda as leis envolvendo os direitos legais de autores, pessoas famosas e *fanfics*, incluindo também casos específicos em que isso foi ou não uma grande questão

para os elementos envolvidos. Em seguida, foi feita uma análise crítica colocando em questão mais do que os fatos legais, mas também questões sociais e que devem ser levadas em consideração ao nos debruçarmos sobre o tópico.

Conclui-se, então, que a produção de *fanfics* é uma prática que, embora repleta de potencial criativo e comunicativo, proveitosa para muitos autores e leitores e em muitos âmbitos diferentes da sociedade, deve ser abordada com atenção às questões éticas, legais e comunicacionais em geral. O respeito pela obra original e pela comunidade de fãs é fundamental, assim como a conscientização sobre os direitos autorais e de propriedade intelectual. A questão das produções RPF (Real Person Fics) também segue sendo discutida, dividindo muitas opiniões na internet e fora dela, já que toca em questões legais e morais mais complexas. Compreende-se que se deve ter muito discernimento na produção e no consumo desse tipo de conteúdo, uma vez que ele lida com questões sérias e que impactam a vida de pessoas e produtos reais. Sobretudo, este estudo demonstrou que as *fanfics* representam um fenômeno cultural relevante, cujas implicações legais e éticas necessitam de equilíbrio entre a proteção dos direitos autorais e a valorização da criatividade dos fãs. Futuras pesquisas podem aprofundar a análise da regulamentação de plataformas que hospedam *fanfics* e o impacto dessas produções na indústria cultural.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. G. **Fanfictione RPG'S:** narrativas contemporâneas. Ágora, Porto Alegre, ano 02, jul./dez. 2011.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CORRÊA, M. G. **Pressupostos teóricos para o ensino da escrita.** Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, n. 9, p. 201-211, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p201-211>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- ELEODORO, Amanda de Almeida. **As fujoshis:** gênero e sexualidade no fenômeno fanfiction. 2021.
- FERREIRA, R. Tom Felton acredita em teoria de fãs que diz que Harry Potter era apaixonado por Draco. 2019. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-149024/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

GUGLIELMELLI, Alexandre. A prisão de Jared Padalecki e outros escândalos do elenco de Supernatural. 2019. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/indicacoes/aprissao-de-jared-padalecki-e-outros-escandalos-do-elenco-de-supernatural/>. Acesso em 18 de nov de 2024.

GUERRERO-PICO, M. Producción y lectura de fan fiction en la comunidad online de la serie Fringe: transmedialidad, competencia y alfabetización mediática. Palabra Clave, v. 18, n. 3, 2015.

JACKSON, G. Anne Rice Really Hated When People Made Her Characters Bone. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/anne-rice-really-hated-when-people-made-her-characters-bone/>. Acesso em 03 de março de 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOUCOVSKI, Diana. **Querido Clássico**. A história da fanfic: seu autor clássico favorito provavelmente já escreveu uma. 02 de dez de 2021. Disponível em: <https://www.queridoclassico.com/2021/11/a-historia-da-fanfic.html>. Acesso em 18 de out de 2024.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MIRANDA, F. Fandom: um novo sistema literário digital. Hipertextus (NEHTE/UFPE), n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MOSCA, Ana Zan. "Fair Use" é aplicado em direitos autorais no Brasil? 2021. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/fair-use-e-aplicado-em-direitos-autoriais-no-brasil/1227832058>. Acesso em: 15 de ago de 2024.

QUADROS, Fernanda Rodrigues de. **O COSMOS DO UNIVERSO ALTERNATIVO: A PRODUÇÃO DE FÃ NO PROCESSO DE LEITURA E SIGNIFICÂNCIA**. 2024.

RIBEIRO, Ana Clara. **Jusbrasil**. Tudo o que você precisa saber sobre direitos autorais em fanfics. 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-direitos-autoriais-em-fanfics/827161982>. Acesso em 19 de out de 2024.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. Funcionamento do gênero do discurso. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010.

SANTOS, B. D. **Cinquenta tons na sala precisa - o papel e as motivações do fã na sociedade em rede**. 08 ago. 2015.

SOUZA, Isabela Henriques de. A fanfiction como gênero literário e sua influência para o futuro do mercado editorial. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Produção Editorial) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

TEIXEIRA, A.; GOMES, S. DOS S. **Letramento digital no ensino médio**: um estudo do gênero fanfiction nas aulas de Língua Portuguesa. Debates em Educação, v. 11, n. 24, p. 331–348, 31 ago. 2019.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira Vargas. **O fenômeno fanfiction:** novas leituras e escrituras no meio eletrônico. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. *Slash: a fan fiction homoerótica no fandom potteriano brasileiro*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2011.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **O hipertexto na sociedade da informação:** a constituição do modo de enunciação digital. Tese de Doutorado Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: (s.n.), 2002.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

### Fernanda Rodrigues de Quadros

Formada em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial na UFSM e em Produção de Cinema e Audiovisual na UFSM. Interesse de pesquisa na área da representação midiática e produção queer.

<https://orcid.org/0009-0005-1858-1223> • fernanda.quadros@acad.ufsm.br

Contribuição: Escrita – Primeira Redação, Revisão e Edição, Conceituação, Validação – Análise Formal – Investigação.

## Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

## Direitos autorais

Os autores dos artigos publicados pela Cadernos de Comunicação mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

## Verificação de Plágio

A cadernos mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

## Editora chefe

Cristina Marques Gomes

## Como citar este artigo

QUADROS, F. R. de. A ética e a legislação em torno das fanfics. **Cadernos de Comunicação**, v. 29, p. e90654, 2025. DOI: 10.5902/2316882X90654. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccommunicacao/article/view/90654>. Acesso em: XX/XX/XXX